
A discursivização das emoções em tempos de COVID-19: um olhar do ponto de vista filopsicológico

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira¹ - PROLING/UFPB
Giovanna Barroca de Moura² - FPCEUC
Lisandra Ferreira de Souza³ -PPGPS/UEPB

Resumo: Neste trabalho, foi discutida a discursivização das emoções em imagens da internet, em tempos de Covid-19. Para tanto, objetivou-se investigar, nessas imagens, os afetos resultantes dos modos de enfrentamento da pandemia. Teoricamente, foram abordados conceitos da filosofia do Círculo de Bakhtin, da retórica de Aristóteles e do campo da psicologia. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa de cunho interpretativista e o *corpus* consta do conjunto de seis (06) imagens extraídas da internet. Como resultado, constataram-se, das imagens, reflexos de respostas a estímulos significativos para criar na população a repetição de um imaginário coletivo que constituiu possíveis representações do lado mais sombrio da Covid-19.

Palavras-chave: Filosofias de Bakhtin e de Aristóteles. Discursivização. Emoção. Covid-19.

Discursivization of emotions in COVID-19 times: a view through philosophical and psychological conceptions

Abstract: In this work, it was discussed the discursivization of emotions in images posted on Internet, in Covid-19 times. The objective was to investigate, in these images, the affections resulting from the ways of coping with the pandemic. Theoretically, concepts from the philosophy of the Bakhtin's Circle, from Aristotle's rhetoric and from the field of Psychology were discussed. Methodologically, the research is qualitative and interpretative and the *corpus* consists of a set of six (06) images posted on Internet. As a result, the images showed reflections of responses to significant stimulus to create in the population the repetition of a collective imaginary that constituted possible representations of the darker side of Covid-19.

Keywords: Bakhtin's and Aristotle's philosophy. Discursivization. Emotion. Covid-19.

Introdução

Entre o fim de 2019 e, praticamente, boa parte do ano de 2021, o mundo inteiro

¹ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: flavioccaa@hotmail.com.

² Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade de Coimbra. E-mail: giovannabarroca@gmail.com.

³ Mestra em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba. Psicóloga na Secretaria de Educação do Município de Alagoinha-PB. E-mail: lisandrasouza103@gmail.com.

vem passando por um período de extrema dificuldade nas áreas da saúde, economia, educação etc., visto que uma pandemia que causa a virose chamada COVID-19, provocada pelo Coronavírus SARS-Cov-2, surgiu na China, especialmente, na cidade de Wuhan, e ganhou proporção em outros continentes, fazendo com que quase todos os países parassem seu ritmo de funcionamento socioeconômico, para realizar campanhas de combate a essa virose que vem infectando e matando milhões de pessoas em escala mundial.

Por ser considerada uma infecção viral de evidente letalidade, a COVID-19 vem causando grandes preocupações nas áreas da biologia, na medicina, nas indústrias farmacêuticas e, sobretudo, na ciência, pois, internacionalmente, vem existindo a necessidade de unificação e integração dessas áreas para que se pensasse na criação tanto de políticas públicas como no desenvolvimento de vacinas, nos modos de prevenção e nos protocolos de tratamentos, tudo isso com a finalidade de efetivar uma minoração ou uma eliminação na expansão da doença pelo mundo.

Uma vez que a COVID-19 tem provocado a instabilidade e o caos social, principalmente, em relação ao grande número de mortes, ao elevado número de ocupações dos hospitais e à grande deflação que tem ocasionado a queda das economias mundiais, tem instaurado-se no mundo um sentimento de instabilidade e vulnerabilidade, razão pela qual as pessoas vêm sendo extremamente abaladas, especialmente, no campo emocional. Desse modo, formou-se na população o sentimento de medo, insegurança, pânico, dentre outras emoções. A razão dessa instabilidade emocional se deu pelo modo como certas políticas públicas (não) foram pensadas e executadas e pela maneira como a grande mídia construiu a imagem da pandemia.

As razões supracitadas nos instigaram a olhar a temática social dessa pandemia pelo prisma da observação das emoções que foram discursivizadas em imagens que circulam nas redes sociais. Assim, nos coube averiguar, sobretudo, o modo como os sujeitos sociais se inscreveram, no caso específico dos materiais selecionados, para discursivizar o seu ethos responsivo e responsável. Nesse sentido, os lugares virtuais, de modo geral, puderam/podem ser compreendidos como o palco de atuação e de luta para sujeitos orquestradores das vozes de suas emoções. Nesse ponto de vista, as esferas digitais serviram/servem de lugares tanto para a manifestação discursiva das emoções como para a representação de um lugar de escuta avaliativa da palavra do outro.

Dito isso, cabe-nos dizer que o objetivo deste estudo trata de investigar as discursivizações das emoções de sujeitos sociais em ambientes virtuais, em particular, os afetos resultantes dos modos de enfrentamento, da falta de gerenciamento político, da incerteza do tempo de duração, da dúvida quanto aos protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e das políticas nacionais, da falta de medicamentos ou de uma vacina eficaz etc. Para tanto, partimos dos seguintes questionamentos: (1) que emoções têm sido discursivizadas nas redes sociais em tempos de COVID-19?; (2) a partir de que respostas sociais essas emoções têm sido construídas?; (3) que efeitos sociais têm causado a discursivização dessas emoções?

Para fundamentar essa pesquisa, foram mobilizados pontos de vista conceituais da filosofia de Aristóteles, a saber, o tema do etos; a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, mais especificamente, os tópicos referentes às questões do dialogismo; e, por fim, conceitos oriundos do campo da psicologia, principalmente aqueles que tratam da emoção. A escolha dessas bases conceituais se deu pelo fato de quisermos estabelecer diálogo entre o modo de compreensão do conceito de emoções e o modo como isso é criado e dito discursivamente.

Metodologicamente, foi feita uma pesquisa qualitativo-interpretativista, visto que o estudo tem caráter explicativo-analítico de fatos sociais refratados em imagens que circularam nas redes sociais durante o ano de 2020. Para isso, foi escolhido um *corpus* composto pelo conjunto de 06 imagens relacionadas com acontecimentos da Covid-19, especialmente por aqueles que refratam diversas tônicas de emoções. Sendo assim, a partir das imagens, pudemos elaborar um exercício de análise no qual investigamos as cargas efetivas de sua tessitura.

Este artigo, além desta introdução, é composto por mais quatro seções, a saber: (i) uma, na qual foram discutidos conceitos advindos do campo das filosofias do Círculo de Bakhtin e da retórica de Aristóteles; (ii) outra referente a conceitos que tratam da emoção no campo da psicologia; (iii) mais uma concernente à análise de como as emoções foram discursivizadas nessas imagens que circularam na internet; e (iv) a última, na qual apresentamos nossas conclusões e considerações finais a respeito da temática proposta para a investigação.

1 Do ponto de vista da filosofia da linguagem e da filosofia da imagem: um olhar para a produção discursiva do etos

A filosofia da linguagem que apoia e orienta o nosso olhar investigativo é oriunda dos estudos do chamado Círculo de Bakhtin, que, como comenta Ponzio (2012), era constituído por um grupo de amigos intelectuais, dentre os quais podem ser citados o próprio Bakhtin, Volochínov e Medvedev. Esse grupo de estudiosos estabeleceu a base que consolidou a visão de linguagem como uma instância discursiva movente pela e na qual criam-se e repousam as ideologias institucionais e do cotidiano. Ademais, como pontua o autor citado, o grupo também foi responsável pela problematização do sujeito e da consciência humana.

Com essa visão instituída pelo Círculo, a compreensão de linguagem passa a ser discutida de modo que sua natureza seja pensada a partir da integração das semioses com a vida. O ponto central dessa percepção é considerá-la não apenas como um produto decisivo oriundo do acordo social ou como uma atividade psíquica que, ao ser humano, é pertencente como capacidade biológica, mas sim como, entendeu Volochínov (2013), quando a apreendeu tal qual o material próprio para a criatividade humana. Assim, mesmo que a linguagem seja produto das convenções sociais ou usada pelos indivíduos como forma de expressão do seu pensamento, na visão da filosofia bakhtiniana, compreende uma instância multissemiótica na e pela qual se criam as expressões e as manifestações do (inte)agir humano, bem como se faz o âmbito de lutas entre consciências, entre dizeres, agires ou, até mesmo, entre seres humanos na condição de sujeitos sociais, seres constituídos pela influência de determinado domínio ideológico.

Se a linguagem constitui o *modus operandi* da existência e do agir humanos, o conjunto valorativo que a preenche de sentidos – as ideologias – depreende o conjunto apreciativo-valorativo formado socialmente em lugares específicos, isto é, em esferas ocupadas por sujeitos que compartilham da mesma consciência de classe. De certo, nesse conjunto, constituem-se os elementos referentes às ciências humanas, à história, à cultura, à economia, à política, à religião, ao direito e aos modos de compreensão do cotidiano. Conforme pode ser apreendido na ótica de Miotelo (2005), a ideologia instaura e introduz o preenchimento valorativo dos signos e a constituição da subjetividade humana.

Ademais, o sujeito pensado por essa filosofia transcende a questão de indivíduo apenas na sua condição biológica, do ser apenas com a capacidade de pensamento, mas um ser constituído de consciência social, que atua em e para um lugar social, um ser que, como afirma Faraco, caracteriza-se por “sua função estético formal” (FARACO, 2005, p. 38) e é preenchido por “uma efetiva posição axiológica” (FARACO, 2005, p. 38). Nesse ponto de vista, o sujeito passa a ser compreendido como, nos contextos e lugares de interação, um autor-criador-personagem dos processos de criação da vida, um ser social de estilo, um eu do outro e um outro do eu. De modo significativo, esse sujeito constitui-se como uma instância subjetiva na, pela e para a qual se criam os atos de composição da arte e da vida.

Seguindo esse mesmo entendimento, Brait e Campos (2009, p. 17, grifo nosso) pontuam que as ideias desses intelectuais correspondem a um “jogo de espelhos [que] aumenta, diminui, distorce aspectos essenciais à sua compreensão, muitas vezes refratando mais do que refletindo”. Nesse sentido, salienta Fiorin (2016) que o ponto de vista da filosofia do Círculo instaura uma longa e contínua discussão a respeito do dialogismo, que, por sua vez, é uma ideia coordenada a partir de três pontos de vista, a saber, “unicidade do ser e do evento, relação eu/outro; dimensão axiológica” (FIORIN, 2016, p. 20). Assim, pela determinação das relações dialógicas, o que dinamiza a linguagem e a coloca, sempre, em estado de transformação e de mudança em relação ao seu exercer-ser no mundo é o movimento das superestruturas que “é constituído do processo social, político e espiritual da vida e de seus produtos” (FIORIN, 2016, p. 2020).

Pensar a linguagem como uma constituição dialógica que se estabelece e se caracteriza pelas particularidades dos sujeitos em interação e por sua dimensão valorativo-apreciativa significa atentar para elementos não apenas linguísticos, mas para aqueles que se constituem pelo acontecimento histórico, pelos costumes que se instauram na e da história, pelos modos de criação e capitalização de produtos, pelos modos de organização política da sociedade, pelas formas como se apreende o divino, por como se educa e pelas diversas maneiras como se vivem os seres humanos, a partir da determinação de um modo de pensar coletivo. Portanto, cabe dizer que o todo dialógico que constitui a linguagem nada mais é do que o todo dinâmico de elementos que colorem a vida, bem como de elementos que refratam e refletem essa vida, de elementos dessa vida mesma – da vida arte e da arte vida.

No entendimento de Volochínov (2013), no plano dessa filosofia do diálogo, a palavra, para ser dita e escutada, precisa ser pensada como algo que “surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca o sentido” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 77). Além disso, essa palavra precisa ser assumida por um sujeito alocado em um domínio ideológico e que preenche sua voz com outras vozes que surgem do imaginário ideológico de uma coletividade. É assim que à palavra é dada a entonação avaliativa, a qual, segundo o mesmo autor, “estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 81).

É na luz desse entendimento que, ainda, o autor mencionado postula a palavra como “um evento social” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 85), bem como “uma espécie de cenário de certo acontecimento” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 87). Esses dois modos de apreender a palavra apontam para a compreensão de que esta, por sua vez, institui a instância flexível em que se abrigam os agires humanos determinados por suas composições valorativas tais como ideológica, histórica, axiológica, cultural etc., bem como estabelece o suporte material para que a vida se faça e seja expressa em semioses e para que, sobretudo, esse modo criação e expressão da ação humana seja dissipado em decorrência do enlace (a)temporal. Portanto, a palavra constitui, na vida, o modo linguístico-enunciativo de representação do viver e do agir humano em decorrência de suas necessidades e da origem de seu domínio axio-ideológico.

Partindo para a compreensão do que chamamos de filosofia da imagem, como pode ser apreendido da filosofia aristotélica, especialmente na obra *Retórica*, a imagem constitui um meio de persuasão que, discursivamente, é criada para gerar um efeito persuasivo em certo público. A esse recurso o filósofo atribuiu a nomenclatura de etos, isto é, um recurso discursivo que cria uma instância imagética do caráter pessoal do orador, o que faz criar a consciência de que o sujeito é digno de crédito (ARISTÓTELES, 2013). Assim, a esse respeito, quando se cria a imagem de alguém ou de alguma coisa, chama-se a atenção para que a carga valorativa atribuída à sua subjetividade ou sua realidade refrate-se no conjunto de pontos de vista de uma coletividade. Nesse caso, o que importa para a tônica discursiva é o conjunto de elementos, desse sujeito, considerados positivos ou satisfatórios dentro de uma cultura na qual se insira e interaja o grupo social.

Aristóteles pensou no etos, mais especificamente, para construir a imagem persuasiva de um orador, mas, no nosso ponto de vista, procuramos pensá-lo e considerá-lo a partir da criação de uma imagem discursivamente produzida para causar um efeito no entendimento do interlocutor. Em se tratando disso, a imagem criada constitui o ponto central para que as pessoas sejam influenciadas de alguma coisa, em certo lugar e em certo momento. Nesse sentido, Reboul (2004), ao comentar o pensamento de Aristóteles, entende que para preencher as condições mínimas de credibilidade, a produção discursiva deve refratar apreciações de valor com características de sensatez, sinceridade e simpatia.

Como entende Oliveira (2019, p. 49), o etos “corresponde à criação da persuasão como um meio produzido pela influência e determinação do caráter do orador, razão pela qual confere ao discurso um efeito de comoção, atribuído à construção ética e moral que reveste a imagem [...]”, bem como “significa criar no discurso elementos valorativos que condigam com a construção ético-moral dos ouvintes, principalmente considerando as disposições de espíritos das várias faixas-etárias” (OLIVEIRA, 2019, p. 53). Por isso, como sustenta o referido autor, produzir um etos discursivo implica “fazer-se ser acreditado como um indivíduo de qualidades excelentes que sejam refletidas nos modos de ser, de falar, de sentir e de agir” (OLIVEIRA, 2019, p. 53).

2 Do ponto de vista da psicologia: um olhar para a natureza das emoções

Uma vez que o cenário mundial do ano de 2020 foi marcado pelo acometimento da pandemia Covid-19, a doença foi caracterizada pelo alto poder de contágio através do contato com gotículas de saliva, espirros, tosse, e isso gerou grande preocupação das agências mundiais de saúde, razão pela qual determinou-se o distanciamento através do contato físico, como o diálogo entre as pessoas, em pouca distância, o aperto de mãos, os abraços ou o contato com superfícies contaminadas. Sendo assim, algumas medidas de proteção à saúde foram recomendadas, com a finalidade de diminuição dos casos da Covid-19. Dentre elas, está, como já foi dito, o distanciamento e isolamento social. Somado a isso, está a falta de mensuração acerca do término da pandemia e o retorno às atividades cotidianas sem medidas de segurança (Brasil, 2020).

Diante dessa realidade, é comum que as pessoas respondam à pandemia, de modo que estejam em estado de alerta, preocupadas, confusas, estressadas, com a

sensação de falta de controle em relação às incertezas vinculadas ao contexto dessa pandemia; podendo ficar angustiadas, tristes e irritadas. Esses aspectos não podem ser compreendidos a partir do viés da doença, tendo em vista que são respostas à uma situação atípica. Ademais, há pessoas que podem vivenciar a pandemia e manifestar quadros psicopatológicos ou, até mesmo, essa situação pode servir de gatilho para outras questões individuais do passado, o que faz ser necessário o recebimento de cuidados especializados. Assim, cada sujeito, de modo singular, a partir de sua própria subjetividade, vivencia e atravessa esse tempo (BRASIL, 2020).

Dessa maneira, ainda na ótica desse mesmo autor, cabe dizer que existem alguns fatores que podem agravar essa passagem durante a pandemia, como a desconfiança na gestão e nos protocolos de biossegurança, a falta de equipamentos de proteção individual, a exposição a riscos de infecção e a infecção de outras pessoas, a preocupação em relação ao afastamento da rede socioafetiva e a vulnerabilidade de pessoas com deficiências e/ou que necessitem de cuidados específicos (BRASIL, 2020).

É importante destacar que, antes da pandemia, o modo de relacionamento entre as pessoas já havia sofrido mudanças, vestígios também do capitalismo e da globalização, e que, como entende Bauman (2004), já realizavam, em grande demanda, suas interações nos espaços virtuais. Contudo, durante esse período de isolamento social, os recursos tecnológicos ganharam maior utilização, principalmente os que proporcionaram a conexão imediata com outras pessoas. Através de celular, computador ou *tablet*, tem sido possível acessar as redes sociais e, assim, poder levantar as mais diversas questões e expressar suas opiniões, emoções e insatisfações. Dentre as redes sociais mais consumidas, estão *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, pois tais redes já estavam presentes no cotidiano de uma grande parte de brasileiros (SILVA, 2015). Até mesmo as pessoas que estiveram infectadas pelo coronavírus, em seu próprio domicílio ou em hospitais, usaram/usam as redes sociais como veículo de comunicação com pessoas queridas, possibilitando que a travessia do adoecimento seja menos solitária (CARVALHO *et al*, 2020).

Isso posto nos faz pensar em como a comunicação online permite um maior controle acerca do tempo e espaço, no sentido de que as pessoas escolhem o momento que consideram oportuno para usar suas redes sociais, bem como o local onde vão utilizá-la. Nesse sentido, ao lerem e relerem as mensagens que querem que sejam divulgadas, mantêm interação com os pares, mesmo em distância física (ANTHEUNIS,

SCHOUTEN e KRAHMER, 2016).

Nas redes sociais, há uma interação bem mais ampla com o outro, podendo ser transmitidas mensagens que podem obter respostas ou, até mesmo, impactar a reestruturação de ideias dos usuários da rede. No entanto, não podemos deixar de mencionar que o conteúdo que é publicado é interpretado pelos usuários, fazendo com que o reconhecimento das mensagens possa divergir da intenção do autor (MIGUEL, 2015).

No plano da Psicologia, a palavra emoção vem do latim [*motio*], que significa movimento. Essa significação possibilita que apontemos para o fato de que não se trata de algo restrito a apenas uma localidade do corpo, mas o de que mobiliza o corpo inteiro. Portanto, as emoções são experiências psíquicas e somáticas, pois todo o corpo reage através de agitações motoras e alterações neurovegetativas (DALGALARRONDO, 2008).

Em relação às classificações das emoções, há várias visões, com consideráveis discordâncias, mas a raiva, a alegria, a tristeza e o medo são, comumente, considerados como emoções básicas, isto é, mais universalizadas. Não obstante, há estudiosos que acrescentam outras emoções, tidas como mais complexas, como o desprezo, a repugnância, o desapontamento etc. A depender da situação vivenciada, a pessoa pode sentir uma mistura de emoções, podendo até mesmo ser bem diferente, como sentir simultaneamente tristeza, alívio e raiva (HOCKENBURY e HOCKENBURY, 2003).

As dimensões emocionais possuem relação com a cultura, pois a mesma repercute no modo como essas emoções serão experimentadas e expressadas. Além do mais, a subjetividade humana relativiza essas emoções, no sentido de que cada sujeito vive determinada circunstância de maneira particular, o que pode ser motivo de alegria para uma pessoa pode ser alvo de medo para outra (MESQUITA, BATISTA e SILVA, 2019), 2015).

De acordo com Dalgalarrondo (2008), as emoções pertencem à afetividade, no entanto, trata-se de um conceito diferente dos sentimentos, afetos, humor e das paixões. Assim, as emoções são reações afetivas intensas, respostas a estímulos significativos, sejam internos ou externos, conscientes ou inconscientes, são passageiras, ou seja, tem um intervalo temporal de curta duração. É um movimento emergente que rompe com a estabilidade, no sentido de que quebra a linearidade da dinâmica pessoal de cada sujeito.

Geralmente, as emoções envolvem um componente expressivo, ou seja,

encontramos uma forma de manifestar as emoções que estamos experimentando, seja através da fala, de abraços, gestos, posturas e sons (HOCKENBURY e HOCKENBURY, 2003).

As expressões emocionais são transmitidas pela linguagem verbal e não verbal, para demonstrar um estado emocional, seja consciente ou inconsciente. Assim, o que ocorre nas redes sociais são o compartilhamento social das emoções, manifestos pela e na narrativa de um determinado acontecimento, pela exposição de opiniões e pelas sensações permeadas por emoções (MIGUEL, 2015).

Essa partilha de emoções pode ser intencional ou espontânea, motivada pela necessidade de ter um espaço para falar. Essa fala pode exteriorizar emoções, avisos, pedidos de apoio e suporte (DIAS, 2019). Dessa forma, em tempos da pandemia Covid-19, as redes sociais foram usadas como canais para demonstrar as emoções sentidas em relação ao vírus e a todo o contexto que a doença circunscreve.

3 A discursivização das emoções em imagens das redes sociais em tempos de Covid-19

Um dos enunciados que reverberou, com bastante frequência, nas redes sociais foi o *FIQUE EM CASA*. Assim, foi uma forma discursiva de representar o posicionamento científico da OMS, bem como de marcar as vozes dos profissionais da saúde, de alguns representantes estaduais e municipais, de algumas autoridades religiosas e, de modo geral, de uma parte da sociedade que demonstrou bom senso na luta contra a disseminação do Coronavírus.

Desse posicionamento, despontam alguns dos sentimentos de medo demonstrados pela população, como por exemplo, o medo de contaminação pelo vírus, o medo de ser internado em um hospital, o medo de o sistema de saúde do país entrar em colapso e não suportar a crise pandêmica, bem como o medo de morrer à míngua por causa tanto das demandas hospitalares quanto da falta de estrutura do Estado.

Como afirma André (2011, p. 11), “é preciso dar ouvido a seus medos: [pois] eles são um precioso sistema de alarme diante dos perigos”, visto que tem a função de “chamar nossa atenção para um problema, para nos permitir enfrentá-lo da melhor maneira” (ANDRÉ, 2011, p. 13). Sendo o medo essa emoção provocada por causa da propagação mundial da Covid-19, discursivizá-lo nas redes sociais significa criar uma

forma para chamar a atenção da sociedade em relação a um problema que não está sendo levado a sério por sua grande maioria e que pode instalar o caos, se não forem tomadas algumas medidas cautelares logo nos primórdios da fase de propagação do vírus.

Vejamos, nas Imagens 01 e 02, refrações do sentimento de medo como uma forma de chamar atenção, informar e conscientizar a população dos cuidados para com a pandemia instalada no país.

Imagem 01



Fonte: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/2020/03/20/pandemia-e-o-isolamento-social.ghtml>

Imagem 02



Fonte: <https://domtotal.com/noticia/1454099/2020/06/hospitais-no-interior-de-sp-comecam-a-recusar-novas-internacoes-por-covid-19/>

Nas Imagens 01 e 02, podem ser refratadas e presumidas as seguintes tônicas do medo: (1) o medo da propagação do vírus pelo contágio nas aglomerações sociais; (2) o medo da contaminação do vírus pelo retorno dos profissionais da saúde a suas casas; (3) o medo da superlotação dos hospitais por pessoas portadoras da fase mais crítica da virose; (4) o medo causado pela incerteza de um protocolo seguro para o tratamento da virose; e (5) o medo da contaminação no próprio ambiente hospitalar. Nesse sentido, se,

como aponta Dalgalarrondo (2008), as emoções pertencem ao campo da afetividade, discursivizá-las nas redes sociais significa criar imagens de medo como uma forma de tocar na sensibilidade da população em relação aos trabalhos penosos dos profissionais da saúde, que, além de exercerem o mister da profissão, correm bem mais riscos do que aqueles que estão fora do âmbito hospitalar.

Ademais, a discursivização do medo, refratada nas Imagens 01 e 02, cria ou pode criar a consciência de que, até os profissionais da saúde não estão seguros quanto à dinâmica da pandemia, bem como que, através do apelo feito pela equipe hospitalar, os resultados sociais podem ser bem mais agravantes do que os divulgados pela grande mídia ou do que é esperado pela população, de modo geral.

Alinhadas a esse sentimento de medo, são refratadas outras emoções que podem ser vistas nas Imagens 03 e 04. Observemos!

Imagem 03



Fonte: <https://twitter.com/torreshomem/status/1255683005881954304>

Imagem 04



Fonte: <https://www.feac.org.br/osc-ficam-atentas-a-casos-de-violencia-durante-o-isolamento-social/>

Além do sentimento do medo discursivizado nas imagens 01 e 02, pode ser visto, na imagem 03, um complexo de emoções referentes ao luto, à dor, à descrença no

sistema político, à desilusão da vida e ao desapontamento com a vida. Já na imagem 04, as emoções são tipificadas em solidão, prostração, desgosto, esgotamento, estresse, ansiedade etc. Ao considerar essa carga valorativa de emoções, chamamos a atenção para e concordamos com o que entendem Mesquita, Batista e Silva (2019), quando estabeleceram uma estreita relação das emoções com a cultura de um povo; sobretudo, no que compreende a experimentação e a expressão dessas emoções no imaginário social desses tempos de Covid-19. Como salientam os autores mencionados, nesse contexto, acontece o processo de relativização das emoções entre os sujeitos, seus imaginários coletivo-sociais, suas circunstâncias e suas maneiras particulares de viver e de entender o mundo.

Em se tratando disso, compreendemos que o contexto em que se instalou a pandemia tem criado, gradativamente, modos de vida que contribuem para fomentar certas tomadas de posições dos sujeitos sociais e isso resulta em traços culturais que orientam as práticas sociais de um povo. Sendo assim, ao tocar na questão do relativismo cultural das emoções, defendido por Mesquita, Batista e Silva (2019), cabe salientar que as emoções refratadas nas imagens 03 e 04 são constituídas como resultados de cruzamentos das práticas ideológicas que instanciam o pensamento político, científico, religioso, econômico, cultural e histórico, de uma época de incertezas.

Assim, por um lado, pensar no luto, na dor, na descrença do sistema político e na desilusão da vida, refratados na imagem 03, significa compreender a discursivização desses sentimentos como uma forma de reação e de luta para sensibilizar e conscientizar a população do caos que trouxe a pandemia.

Por outro lado, nas refrações da imagem 04, mais especificamente, na possibilidade de discursivização da solidão, da prostração, do desgosto, do esgotamento, do estresse e da ansiedade, reflete-se uma prática discursiva tanto para pensar em técnicas de combate à pandemia como para pensar em meios de solução para os problemas sociais que se instalaram ou que, após essa fase, se instalarão.

Com efeito, no todo da Imagem 04, pode-se observar o limiar entre a escuridão que instaurou em todos os campos das esferas da atividade humana, bem como as poucas luzes que se ascendem nas brechas das incertezas, dos acontecimentos acelerados que se irrompem das várias áreas de atuação do ser humano. Enunciar através da Imagem 04 significa demonstrar um recurso discursivo para se pensar a

respeito tanto dos problemas sociais impostos pela pandemia, visto que, as poucas luzes do lado de dentro da janela, bem como suas poucas brechas, refletem o conjunto de sentimentos obscuros que produzem incertezas, desesperanças e medos.

Atentemo-nos para as imagens 05 e 06:

Imagem 05



Fonte: <https://www.cidadela.com.br/blog/artigo/112/da-pestes-antonina-ao-covid-19-pandemias-que-mexeram-com-o-mundo>

Imagem 06



Fonte: <https://www.istoedinheiro.com.br/o-mundo-prepara-campanhas-de-vacinacao-diante-de-explosao-da-pandemia/>

Por um lado, na imagem 05, reflete-se a ideia de uma vacina e isso aponta para o subentendido de seu desenvolvimento, de seus testes, e da esperança de uma política pública que fomente a aplicação do medicamento, de modo incluyente, na sociedade. Assim, nessas ideias subentendidas, refratam-se os sentimentos de expectativa, de fé e de confiança no desenvolvimento de uma vacina eficaz para erradicar o coronavírus. Por outro lado, haja vista o pouco tempo de desenvolvimento e de testes do medicamento, podemos presumir sentimentos contrários a esses primeiros, como por

exemplo, o ceticismo em soluções rápidas e práticas. No caso da Imagem 06, pelas marcas do tom facial, podem-se presumir refrações de insegurança, desapontamento, incerteza, inquietação e uma leve sensação de esperança no rosto de uma jovem mulher que, na imagem, representa o povo brasileiro.

A carga de sentimento que é dissipada na imagem 05 reflete um construto das discursivizações advindas das esferas da ciência, das instituições do governo, da indústria farmacêutica, da religião, dentre outras. Se, de um modo, é protagonizada a discussão de que cientistas têm trabalhado incansavelmente para chegar à produção de uma vacina eficaz para a erradicação da Covid-19; de outro, são suscitadas várias discussões contrárias tanto à descoberta como à eficácia de uma possível vacina.

Quanto à carga valorativa de sentimentos refratados na Imagem 06, pôde-se ser considerado que, devido à (in)gerência do poder político brasileiro, criou-se, socialmente, a imagem de que o país parecia seguir à deriva. Nesse caso, fica o presumido de que, por mais que houvesse o repasse de dinheiro público para o combate da pandemia, em algumas vezes, parecia ser passada a impressão de minimização dessa crise pandêmica, visto que, em alguns discursos de representantes políticos, parecia escapar um tom jocoso e uma entonação de que o país não podia parar suas atividades econômicas para cumprir isolamento horizontal. Tanto é que, pelas discursivizações de imagens mostradas na grande mídia e nas redes sociais, não se viam, da parte de alguns desses políticos, o uso de máscaras e de outras medidas de restrição social.

Tudo isso gerou, no povo brasileiro, ou em alguma parte deste, por um lado, a sensação de confiança quanto à postura política de prefeitos, governadores, deputados e, até mesmo, do presidente. Por outro lado, criou-se a desconfiança e o descrédito na atuação desses políticos, a começar pela falta de uma postura discursiva decorosa; principalmente, quanto às falas públicas, às aparições em público, que promoveram aglomeração e o incentivo ao não isolamento social. Desse contexto, criou-se, no povo brasileiro, ou em uma grande parte deste, o conjunto de sentimentos refratados na tônica da Imagem 06.

Considerações finais

Respondendo à primeira pergunta desta pesquisa, dentre as emoções que pudemos constatar nas refrações das imagens da Internet, destacam-se o medo, o luto, a

dor, a descrença no sistema político, a desilusão, o desapontamento com a vida, a solidão, a prostração, o desgosto, o esgotamento, o estresse, a ansiedade, a expectativa, a fé e a (des)confiança na descoberta de uma vacina eficaz para erradicar o coronavírus.

Quanto à segunda pergunta, chegamos à talvez uma constatação, no momento, de que esse conjunto afetivo foi constituído devido ao cruzamento de fatos sociais que, desde a origem do coronavírus às suas diversas formas de evolução e contaminação, provocou na população um comportamento bastante diversificado, principalmente por se tratar da atuação de um vírus desconhecido, razão pela qual gerou nos seres humanos diversas instabilidades afetivas. Assim, pudemos observar que sentimentos universais foram particularizados ganhando novas proporções, em virtude de acontecimentos sociais que mudaram, definitivamente, o modo de ser e agir da sociedade mundial.

Cabe dizer que uma das maiores agências fomentadoras da criação desses sentimentos foi a grande mídia que, imagneticamente, para cumprir a sua função social, enunciou os acontecimentos da pandemia de modo bastante alarmante. Por um lado, isso teve um aspecto positivo, porque causou na população um estado de alerta para todas as ações que pudessem disseminar o coronavírus. Por outro lado, provocou uma instabilidade social, criando imagens bastante extravagantes, razão pela qual contribuiu para estimular, em boa parte da população, problemas psicológicos como medo, pânico, ansiedade, dentre outras dessas fortes emoções. Nesse sentido, a força das imagens que circularam nas redes sociais foi o suficiente para causar polêmicas, dissensões políticas e, até mesmo, modos de agir politicamente incorreto, como as aglomerações para defender ideologias políticas.

Pôde-se constatar, cumprindo a resposta da terceira pergunta, que, na tônica dessa pesquisa, a linguagem não-verbal refletida e refratada nas imagens representa as emoções oriundas do conjunto de indivíduos que vivenciou a crise pandêmica da Covid-19. Dessa maneira, dessas imagens, podem-se demonstrar respostas a estímulos significativos, sejam internos ou externos, conscientes ou inconscientes que, a partir do momento pandêmico, pode criar na população a repetição de um imaginário coletivo que constituiu possíveis representações do lado mais sombrio da Covid-19. Por isso, a partir dessas imagens, pôde-se presumir um movimento emergente que rompe com a estabilidade, no sentido de que quebra a linearidade da dinâmica pessoal de cada sujeito, especialmente nas ações oriundas do campo da emoção.

Referências

- ANDRÉ, Christophe. **Psicologia do medo**: como lidar com temores, fobias, angústias e pânico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ANTHEUNIS, M. L.; SCHOUTEN, A. P.; KRAHMER, E. The role of social networking sites in early adolescents' social lives. **The Journal of Early Adolescence**, 36(3), 348-371, 2016.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 1. ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 15-30.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Recomendações e orientações em Saúde Mental e Atenção. Psicossocial na Pandemia COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.
- CARVALHO, A. L. de S.; ASSAD, S. G. B.; SANTOS, S. C. P. dos; RODRIGUES, G. V. B.; VALENTE, G. S. C.; CORTEZ, E. A. Professional performance in front of the COVID-19 pandemic: difficulties and possibilities. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e830998025, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.8025. Disponível em: < <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8025>. Acesso em: 14 jan. 2021>.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DIAS, S. A. **Integração do uso de redes sociais por adultos no seu cotidiano**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Fernando Pessoa, 2019.
- FARACO, Carlos Antonio. Autor e autoria. IN: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-60.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.
- HOCKENBURY, D.; HOCKENBURY, S. **Descobrimos a psicologia**. São Paulo: Manole, 2003.
- MESQUITA, A. M; BATISTA, J. B; SILVA, M. M. O desenvolvimento de emoções e sentimentos e a formação de valores. **Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.** Uberlândia, MG, v.3, n.3, p.1-25, set./dez. 2019.
- MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF** vol.20 no.1 Itatiba Jan./Apr. 2015. Disponível em

:https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000100015
Acesso em: 14 de Janeiro de 2021.

MIOTELLO, Vlademir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167 – 176.

OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de. **A construção de estratégias argumentativas no Tribunal do Júri**: Uma proposta dialógico-discursiva. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

PONZIO Augusto. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2012.

REBOUL, Olivier. Aristóteles, a retórica e a dialética. In: REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, S.P. Políticas de acesso à Internet no Brasil: indicadores, características e obstáculos. **Cadernos adenauer XVI** (2015), nº3. Disponível em:http://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/04/2015_SILVA_Acesso-Internet.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros enunciados**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro & João, 2013.